



**DESCARREGAR PARA LIDAR COM A LUZ:
NOTAS (AUTO)ETNOGRÁFICAS SOBRE O REINVENTAR PRÁTICAS DE
ENSINO-APRENDIZAGEM À DISTÂNCIA**

***Unload to embrace the light:
Autoethnography Notes about Reinventing Distance Learning***

Vinícius Gabriel da Silva

Mestre em Sociologia pela Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ/PE), Brasil.

Email: vinicius_gabrieloo@hotmail.com

Eveline Lúcia da Silva Torres

Mestranda em Antropologia na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Brasil.

Email: evelineluciatorres@gmail.com

Áltera, João Pessoa, v. 2, n. 10 – Número Especial, p.150-159, outubro 2020

ISSN 2447-9837

RESUMO:

Após o anúncio da chegada da covid-19 ao Brasil, em meados de março, as escolas tiveram suas atividades encerradas por tempo indeterminado. Pautados pela obrigação de reinventar nossos hábitos cotidianos, as práticas de ensino e aprendizagem são agora, para nós docentes, solicitadas à distância. Agora parece não ser a vez das práticas com lousa e apagador ou com quadro e giz, aquele momento transitório para a troca de conhecimento em sala de aula. Seriam rituais de luzes diante de cada um de nós? A passagem entre o online e off-line. Portanto, o objetivo é trazer notas (auto)etnográficas a respeito de problemas que envolvem ensino à distância após a medida de distanciamento social. Os relatos emergiram das situações de momentos compartilhados entre colegas professores, um docente do ensino básico de escola privada que dividiu a quarentena com uma docente voluntária de cursinho pré-vestibular.

PALAVRAS-CHAVE:

Ensino à distância. Relato Etnográfico. Covid-19. Ritual de Ensino.

ABSTRACT:

After the announcement of the arrival of covid-19 in Brazil, the schools had their activities closed indefinitely in the middle of March. Teachers have had to reinvent the ways to provide instruction because of the necessity to remain at a distance from the students. Many teachers and students are in the process of adapting to using various new techniques, such as using computers, cell phones, ipods, pads, and meets. Now it seems that students will not learn with blackboard and chalk in the classroom, but with other means instead. It is now a transitory moment for the exchange of knowledge in the classroom. Will each one of the teachers create new rituals? There is a transition happening between online and offline. Therefore, the objective is to describe ethnographic notes about problems that involve distance learning after social distancing has been put into effect and to analyze the different conditions of participation from perspective as a volunteer teacher in course that focus on the Pre-Exams National High School (ENEM) and basic education teacher. The reports emerged from the situations of moments shared between fellow teachers and a teacher of basic education in a private school who shared their quarantine with a volunteer teacher in a pre-university course.

KEYWORDS:

Distance learning. Ethnographic notes. Covid-19. Learning Ritual.



Pautados pela obrigação de reinventar nossos hábitos cotidianos, as práticas de ensino e aprendizagem são agora, para nós docentes, solicitadas à distância. Muitas professoras e alunas, muitos professores e alunos estão em processo de adaptação a técnicas de trabalho diante de computadores, celulares, *ipods*, *pads*, *meets* e tantos recursos que precisaremos manusear. Agora parece não ser a vez das práticas laborais com lousa e apagador ou com quadro e giz, aquele momento transitório para a troca de conhecimento em sala de aula. Serão rituais de luzes diante de cada um de nós? A passagem entre o *online* e *off-line*.

E agora? Sem internet em casa, com os riscos de contaminação à flor da pele, com familiares, parentes, amigas e amigos solicitando apoio e cuidado, eis que estamos deslizando nossos dedos num teclado, num quarto fechado e passeando nossos olhos com constantes interações perante uma janela de luz¹. A perspectiva da educação na pandemia nos coloca alguns desafios: 1. enquanto professores, compreender práticas de ensino considerando o isolamento social; 2. enquanto aluna e aluno, escrever uma dissertação com a mudança de técnicas e métodos impelida/o pela impossibilidade de ir a campo. 3. enquanto seres humanos que possuem relações com a casa e demandas de consumo (comprar comida, medicamento e produtos de higiene), enfrentando os riscos de contaminação para si e para pessoas do círculo de afeto e parentesco.

Descarregar, no caso deste escrito, é uma metáfora análoga aos nossos novos recursos e suas demandas de uso a partir das formas de ministrar e assistir aula diante da condição de isolamento social. E, as nossas forças e energias que se vão a partir da reinvenção dos nossos *rituais de trabalhos*² de ensino com maiores demandas de utilização de novas ferramentas, acrescentado às antigas práticas de preparo para ministrar/assistir às aulas ou até mesmo, no nosso caso, algumas confissões em frente a dois teclados e um quadrado de luz que em longo prazo cansa “as vistas”, como dizemos nós nordestinos numa linguagem específica. Descarregar é o ato de o celular

¹ Metáfora utilizada pelo Professor do PPGS, Adriano de León, para se referir aos celulares, *iphones* e computadores.

² Os rituais de trabalho, nesse caso, referem-se às práticas de preparação de aula e o desenvolver dessa preparação com estudo, pesquisa, materiais necessários para serem utilizados no decorrer de uma aula. Antes era utilizado giz ou lousa, agora revemos nossa necessidade de preparação com computadores e outras ferramentas tecnológicas que propiciem ensino e pesquisa.



apagar quando muito usado, uma jornada por meio dos celulares quando temos que interagir ao longo de nossa necessidade de observação participante online (MILLER, 2020). Mas, também descarregar confissões da necessidade do momento de acolhimento e apoio mútuo.

Portanto, o objetivo é escrever notas (auto)etnográficas a respeito de problemas que envolvem ensino à distância após a medida de distanciamento social, e descrever as diferentes condições de participação a partir de nossos olhares enquanto discentes de programas de pós-graduação e enquanto docente voluntária de cursinho Pré-Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e docente de ensino básico. Entre ligar, conectar e desligar emergiram relatos das situações de momentos compartilhados entre colegas professores que dividiram a quarentena.

RELATOS DA OSCILAÇÃO ENTRE ONLINE E OFF-LINE



Figura 1: Colagem de fotos durante o pré e pós isolamento social
Fonte: Arquivo Pessoal, 2020.

A partir da rotina de acordar, escovar os dentes, lavar o rosto, preparar café, conectar o computador e preparar para perceber os detalhes da presença dos alunos, também há os momentos precedentes. E os momentos interpelados pelo que aproxima o laboral e o doméstico. Os relatos surgem a partir da casa

que compartilhamos porque ambos estávamos sem acesso à internet e a casa foi disponibilizada por outra professora (pessoa próxima em comum) que viajou e se dispôs a oferecer sua casa com todo seu conforto, possibilidade de acolhimento e necessidades materiais para a manutenção do trabalho remoto.

Autor 1

Após o anúncio da chegada da covid-19 no Brasil, em meados de março, as escolas tiveram suas atividades encerradas por tempo indeterminado. Seguindo as orientações estaduais, a instituição de ensino em que trabalho determinou férias escolares de um mês para, a partir daí, analisar as possibilidades e viabilidade de retorno das aulas presenciais.

Durante este período de “férias” inesperadas, segui assistindo as aulas da pós-graduação, realizando as atividades demandadas pelo mestrado e, como a maioria dos meus colegas de trabalho e amigos próximos, assustado com este momento de pandemia. O tempo de 30 dias parecia ficar cada vez mais longo. Enquanto os dias se passavam e o número de casos aumentava no Brasil e no mundo, maior o medo, o stress e a ansiedade com o que vinha no futuro.

Um mês após o anúncio das medidas de isolamento, a equipe pedagógica da escola em que trabalho convocou uma reunião por uma plataforma online. Deste modo, fomos orientados que ocorreriam aulas *online* na semana seguinte. Nestas reuniões que antecederam as aulas algumas interferências aconteceram, o que me fez pensar na viabilidade destas aulas. Em alguns momentos das reuniões, as professoras que eram mães precisavam dar atenção aos seus filhos em casa. Enquanto as reuniões aconteciam, foi bem comum ouvir um: mãe! Ou seja, o ambiente de trabalho naquele momento invadia e sem aviso prévio. O ambiente doméstico, os ruídos de televisão, conversas paralelas, músicas também eram comuns. A partir disso já dava para imaginar o que vinha no futuro próximo com os alunos e alunas.

As aulas *online* deveriam ocorrer em tempo real, mandaríamos os links das atividades *online* que os alunos acessariam. Busquei um planejamento que fosse viável para o processo de ensino-aprendizagem. No início pensei que videoaulas gravadas



seriam o ideal e fui pesquisar técnicas, aplicativos, plataformas que me dessem suporte para o processo de criação da aula. No primeiro dia, para produzir duas aulas no oitavo ano, contando com pesquisa, videoaula, erros e edição fiquei das 10h até as 22h. Nesse dia desisti da ideia de gravação de videoaulas, por não ter tanta experiência em ser *youtuber*.

Desta forma, optei pelas aulas ao vivo com alunos, tendo em vista as dificuldades de produção de vídeo com um espaço curto de tempo para estudar técnicas e também por pensar que, no espaço ao vivo, os alunos poderiam ter dúvidas sobre o conteúdo e aquele espaço *online* facilitaria o diálogo e o esclarecimento dessas possíveis dúvidas.

Apesar de ter desistido das aulas gravadas, as aulas ao vivo em salas de reuniões virtual necessitam de planejamento e produção prévia, construção de slides em Power Point, exibição de vídeos educativos pela plataforma, a criação de jogos online, ou seja, instrumentos que demandam tempo, conhecimento prévio e criatividade acerca da utilização dos meios virtuais. Nas conversas em grupos de WhatsApp, colegas de trabalho de diversas instituições de ensino particular relatam as dificuldades com as aulas virtuais e contam que, agora, só conseguem ir dormir às duas ou três horas da manhã na produção das aulas, para estar conectado às sete da manhã. Isso todos os dias.

O que tenho percebido até o presente momento nas aulas virtuais é que os alunos e alunas sentem dificuldade ainda no acesso à plataforma disponibilizada e a conexão segue como um grande desafio para manter esse modelo de educação. Os alunos e alunas constantemente afirmam que sua conexão da internet caiu e me perguntam via WhatsApp: “E agora, professor, como assisto a aula?”; “O que faço?”; “Teve atividade de casa?”; “Professor, esqueci o número das páginas que devem ser lidas...”; “Olá professor, aqui é a mãe de aluno, pode me tirar uma dúvida?” Questionamentos que aparecem a qualquer hora do dia, seja às 3h da tarde ou às 3h da manhã, o que dificulta lidar com todas essas questões quando se tem um pouco mais de 200 alunos e alunas. O contato com os discentes no espaço físico, o lugar que antes era o espaço para serem respondidas todas as questões do âmbito escolar, por ora desapareceu. O que está chegando nesse lugar (WhatsApp, plataformas de reuniões



etc.) está transbordando todos nós, professores e professoras, alunos e alunas, sem falar nas famílias, sobretudo as mães.

Autora 2

Entre ensino e conversas, dividimos nosso tempo para preparar as aulas. E, por ter as atividades domésticas a fazer, dividimo-nos entre limpar, cozinhar e à noite estudar e preparar as aulas. Ao preparar as aulas precisávamos encontrar maneiras didáticas de ensino para a adesão dos alunos e alunas em relação aos conteúdos ministrados. E tentamos encontrar alternativas para a participação virtual.

No caso do cursinho pré-vestibular, as formas de participar das aulas oscilavam na variação e quantidade de alunas e alunos que participavam e a busca por algumas alternativas para tentar contribuir da maneira mais viável possível para o aprendizado das alunas e dos alunos. Uma das plataformas utilizadas foi o grupo de WhatsApp e, para preparar as aulas, um aplicativo de criação de vídeos chamado *tik tok*. A participação por meio dessas redes foi uma ideia que surgiu de uma percepção, pelos diálogos de WhatsApp, de uma maior adesão dos alunos e alunas nas redes sociais. A adesão a elas tem se demonstrado maior e os documentos e materiais ficam arquivados, caso alguém não possua acesso instantâneo às aulas online.

Além disso, foram realizadas duas abordagens *online* utilizando questionário por meio do “*google docs form*”, solicitando por e-mail as respostas de 22 alunos de um cursinho pré-vestibular. O primeiro questionário foi de cunho particular; tinha o objetivo de compreender sobre a participação das alunas e dos alunos. Obtive três respostas. No segundo questionário, com um termo de consentimento de pesquisa anexo, obtive apenas duas respostas. Uma das perguntas era: *Descreva quais são as suas maiores dificuldades para utilizar os recursos da internet para acompanhamento da aula?* As respostas foram:

1. “**cumprir horários, prazos e falta de armazenamento no celular para baixar documentos ou algo relacionado**”.
2. “*Minha dificuldade é interpretar as questões, sem ajuda do professor*”.



Com a frustração das poucas respostas é possível refletir sobre a adesão da seguinte maneira: dar aula para pessoas que moram em condições periféricas demonstra que a condição de classe gera desigualdades de ensino-aprendizagem. Muitos alunos e alunas nem participam por WhatsApp, que é um aplicativo bastante acionado de maneira remota.

Existem casos específicos, como um dos alunos que saiu do grupo da disciplina justificando (via WhatsApp) a impossibilidade do estudo em casa porque dividia seu espaço com parentes que trabalhavam remotamente e teriam que dividir os aparelhos e dispositivos. O aluno só poderia estudar de madrugada e teria que priorizar outras disciplinas para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Não tinha condições de participar da disciplina e do cursinho via remota. Nesse ínterim havia vários questionamentos nos grupos de WhatsApp: dos professores e da disciplina com os alunos. Muitos relataram estar sobrecarregados e com desestímulo de continuidade das atividades de maneira remota. Professores, alunas e alunos do cursinho relataram a necessidade de desistência, pois deveriam priorizar questões de saúde familiar e do próprio (auto)cuidado em relação a saúde mental.

CONSIDERAR AS PALAVRAS PARA ENCERRAR

É possível perceber a fadiga do processo de ensino que não circunda apenas a montagem do computador, a conexão, perceber se os alunos estão conectados, mas também envolve preparar aula e ocupar o tempo com o maior quantidade de conhecimento possível e fadado à circunstância de estarmos enfrentando uma situação pandêmica com um número exorbitante de mortes.

E quando há fadiga somos incitados a retomar, refazer e reinventar todos os nossos conceitos, técnicas e possibilidades de escrita e ensino. Tudo isso, num tempo hábil possível para que não sejamos interpretados enquanto incapazes.

A pandemia desgasta nosso físico e mente ?, pois estamos num momento de reinventar nossas práticas cotidianas. Algumas conclusões podem se demonstrar óbvias para alguns leitores: falta de condições materiais para a manutenção desse ensino-aprendizagem, falta de preparação para o ensino à distância, jornada de trabalho



interpelando o doméstico.

Contudo, devemos sempre reiterar de que o lugar que estamos falando e a reflexão sobre para onde queremos ir... Quais as ideias para adiar o fim do mundo (KRENAK, 2019) a partir das nossas relações de troca e mediação no processo de ensino e aprendizagem? Por que essas trocas se demonstram importantes? No calor da hora, não podemos apresentar conclusões, portanto deixaremos estes questionamentos em aberto.



REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Portaria 343, de 17 de março de 2020. Em: **Diário da União**, 18, 03, 2020. Edição 53, Seção, Página 39.

MILLER, Daniel. Como conduzir uma etnografia durante o isolamento social. **Blog do Sociofilo**, 2020. [publicado em 23 de maio de 2020]. Disponível em: <https://blog-dosociofilo.com/2020/05/23/notas-sobre-a-pandemia-como-conduzir-uma-etnografia-durante-o-isolamento-social-por-daniel-miller> Acesso em: maio 2020.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. Editora Companhia das Letras, 2019.

Recebido em: 31/05/2020

Aceito para publicação em: 12/09/2020

